

A PRODUÇÃO DO SABER ATRAVÉS DA PESQUISA QUALITATIVA NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA PARA CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO

Viviane Brás dos Santos

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação Cultura e Territórios Semiáridos - PPGESA/UNEB.

Email: vivianebras.pedagogia@gmail.com

Willany da Cunha Reis

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação Cultura e Territórios Semiáridos - PPGESA/UNEB.

Email: willanydacunha@yahoo.com.br

Adriana Olívia da Silva

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação Cultura e Territórios Semiáridos - PPGESA/UNEB.

Email: adriel.olivia@hotmail.com

Resumo do artigo: O presente artigo teve por objetivo identificar como a pesquisa com abordagem qualitativa pode contribuir com a produção do saber científico na proposta da educação contextualizada para convivência com o semiárido. Com o propósito de responder nossa problemática a proposta metodológica seguiu os princípios da pesquisa qualitativa com a utilização do estudo bibliográfico. A partir das leituras minuciosas relacionadas à temática central em diversas fontes como: artigos, periódicos eletrônicos, livros entre outros, conseguimos subsídios teóricos que deram fundamentação conceitual e epistemológica para nossa reflexão, levando-nos a perceber o nível de relevância de desenvolver pesquisas acadêmicas tendo como temática central a educação contextualizada de forma que tenhamos maiores possibilidades de romper as concepções estereotipadas sobre o semiárido. Ao longo do tempo, o semiárido brasileiro e principalmente nordestino, fora divulgado como território não civilizado, inóspito e sem possibilidades de desenvolvimento econômico e social. Sabe-se que o Ensino Superior no Brasil chegou tardiamente e, por conseguinte a pesquisa qualitativa, no campo das ciências educacionais, razão pela qual ainda enfrentam diversos descréditos. Em contra partida, os pesquisadores educacionais têm mostrado ao longo do tempo que por meio da pesquisa qualitativa, o conhecimento tem sido produzido de forma sistemática nos rigores científicos, repercutindo em significativas transformações sociais e culturais em todo país. Em síntese, salientamos que a produção do saber tem sido o grande marco das pesquisas qualitativas dando maior visibilidade à proposta de educação contextualizada para convivência com o semiárido.

Palavras-chave: Pesquisa qualitativa, Educação contextualizada, Convivência com o semiárido, Saber científico.

Reflexões introdutórias

A pesquisa com abordagem qualitativa surge como novo paradigma, que pode atribuir valor e significado aos aspectos e problemas não explicados e diagnosticados pela metodologia quantitativa, assumida dentro da tradição acadêmica positivista, como “verdade absoluta”. Para Kuhn (1998) paradigmas são as realizações científicas que geram modelos que por períodos

orientam o desenvolvimento posterior das pesquisas exclusivamente na busca da solução por ela elucidados. É um referencial que servirá de modelo para novas pesquisas. Reforçando essa explicação Triviños (1987) historiciza o surgimento da pesquisa qualitativa:

Na década de 70, em alguns antes, em outros depois, surgiu nos países da América Latina interesse, que é crescente, pelos aspectos qualitativos da educação. Na verdade, o ensino sempre caracterizou-se pelo destaque de sua realidade qualitativa, apesar de manifestar-se freqüentemente através de medições, de quantificações (percentagens de analfabetos, de repetentes, do crescimento anual da matrícula, dos professores titulados e não titulados etc.). Isto que, em geral, aparecia como uma forma espontânea e natural de apreciar as realidades escolares principiou a vincular-se, sistematicamente, a posicionamentos teóricos claros. (p.116)

Ao analisar as teorias e discursos de Kuhn (1998) corroborado pela historização de Triviños (1987) chegamos à constatação de que as crises paradigmáticas indicam a necessidade de renovação dos instrumentos. A rigor, são pré-condição necessária para a emergência de novas teorias e que a mudança de paradigma leva o cientista a perceber o mundo de forma diferenciada. Neste contexto concordamos com Morin (2005) ao afirmar que: “as ciências não têm consciência do seu papel na sociedade. As ciências não têm consciência dos princípios ocultos que comandam as suas elucidações”. (p.01).

Ademais somos impulsionados a refletir que os descréditos vivenciados atualmente pela pesquisa qualitativa estão diretamente relacionados com a preocupação desta com as relações sociais, bem como, com o campo subjetivo e a complexidade humana. Por isso reafirmamos que a natureza não está fora do humano e que, existe entre ambos uma forte relação de pertencimento que precisam ser colocadas como pauta das reflexões. Nesse pensamento, Morin (2005, p.05) colabora com nossa discussão ao afirmar que:

[...] a ciência é, intrínseca, histórica, sociológica, sociológica e eticamente complexa. É essa complexidade específica que preciso reconhecer. A ciência tem necessidade não apenas de um pensamento apto a considerar a complexidade real, mas desse mesmo pensamento para considerar sua própria complexidade e a complexidade das questões que ela levanta para a humanidade.

Nessa concepção a racionalização, mensuração quantificada dos resultados, e o método cartesiano são adotados no meio científico tradicional como elementos fundamentais que darão valor científico às pesquisas, fazendo prevalecer uma dicotomia entre ciências humanas X ciências naturais. Ao longo da história da produção do saber científico, a metodologia com abordagem qualitativa e as metodologias alternativas sofreram descréditos contínuos, uma vez que não

atendiam aos padrões hegemônicos de cientificidade ocidental, o qual detinha todo o controle e manipulação do conhecimento produzido. Em contra partida, pensamos que nenhum método é por si só, capaz de abarcar todas as problemáticas materiais e imateriais existentes nas sociedades. Assim nos inquietamos e indagamos a responder como a pesquisa com abordagem qualitativa em educação pode contribuir com a produção do saber científico.

Diante dessa problemática objetivamos com este estudo identificar como a pesquisa com abordagem qualitativa pode contribuir com a produção do saber científico na proposta da educação contextualizada. Ademais estabelecemos os seguintes objetivos específicos que é o de refletir sobre a importância da pesquisa qualitativa na produção do saber científico, como também analisar os fundamentos teóricos e epistemológicos que fundamentam a pesquisa qualitativa na educação e promover reflexões teóricas sobre a produção do saber científico na perspectiva da educação contextualizada para convivência com o semiárido.

Percurso metodológico

A pesquisa que apresentamos adotou como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo. A partir de leituras exploratórias e aprofundadas buscamos identificar nos discursos dos teóricos elementos conceituais e epistemológicos a fim de adquirir maior compreensão sobre a pesquisa qualitativa e sua pertinência na educação contextualizada. Nossos estudos utilizaram principalmente livros, artigos e periódicos como fonte bibliográfica de pesquisa. Reforçando essa explicação Gil (2002, p.44) assim conceitua a pesquisa bibliográfica como a pesquisa que:

[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas. As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas.

Dessa forma, compreende-se que a pesquisa bibliográfica procura dar respostas aos problemas levantados pelos pesquisadores que fundamentam suas inquietações em hipóteses e conceitos subsidiados por meio de referenciais teóricos publicados, buscando através de suas análises e reflexões maior fundamentação científica. Com essa proposta metodológica o pesquisador buscará as semelhanças e diferenças conceituais das categorias analíticas da pesquisa levando em consideração os conceitos-chave que norteiam o estudo.

Pesquisa e produção do saber: reflexões históricas

É pertinente também neste trabalho trazer um conceito geral sobre o termo pesquisa que segundo o dicionário Aurélio (FERREIRA, 1986, p. 1320) significa “indagação ou busca minuciosa para averiguação da realidade; investigação, inquirição”. Além disso, também significa investigação e estudo, minudentes e sistemáticos, com o fim de descobrir ou estabelecer fatos ou princípios relativos a um campo qualquer do conhecimento. Partindo-se dessa concepção entendemos que a pesquisa caracteriza-se como ação de conhecimento da realidade e pode causar nesta, modificações, interferências que perpassam pela construção e difusão do saber. Reforçando essa explicação Minayo (2002, p.17) ressalta que é a pesquisa “que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo”. Referenciado pelo mesmo autor, este reforça que ainda que pesquisa seja uma prática teórica, ela vincula-se ao pensamento e a ação. Nas palavras do autor isto quer dizer que “nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática”.

Sendo assim, entendemos então que a função da pesquisa, por mais abstrata que nos possa parecer, é a interpretação do que vivemos. Como afirma Santos (1989), ela é a “prática social de conhecimento”. O conhecimento é uma habilidade disponível em nós, seres humanos, para que autuemos de forma mais adequada a nossa vida, reduzindo riscos e perigos. “O conhecimento tem o poder de transformar a capacidade da realidade em caminhos “iluminados”, de tal forma que nos permite agir com certeza, segurança e previsão” (LUCKESI, 1985, p. 51).

Essas transformações ocasionadas pelo conhecimento nem sempre são passíveis da mensuração e quantificação principalmente as transformações sociais e educacionais. Neste interin percebemos que a prática científica construída historicamente não considera a especificidade das práticas sociais de educação, pois adota como fundamento epistemológico “verdades” que não dialogam com as outras formas de saber. Nesta perspectiva Ghedin e Franco (2011, p.39) fazem a seguinte reflexão: “Os critérios de verdade, historicamente construídos, nem sempre se fizeram acompanhar dos sentidos de construção de justiça, de solidariedade e de transformação da sociedade na direção de mais humanidade entre os seres humanos”.

Destarte, a pesquisa qualitativa surge como proposta que questiona os critérios de verdade estabelecidos ao longo do tempo pelas ciências tradicionais. Considera-se, pois, que esta teoria está possibilitando métodos alternativos de compreender fenômenos, responder problemas e construir

um conhecimento não linear que se torna complexo. Morin (2005, p.05) traz uma notável contribuição quando diz que:

[...] a ciência é, intrínseca, histórica, sociológica e eticamente complexa. É essa complexidade específica que preciso reconhecer. A ciência tem necessidade não apenas de um pensamento apto a considerar a complexidade real, mas desse mesmo pensamento para considerar sua própria complexidade e a complexidade das questões que ela levanta para a humanidade.

Assim sendo, nota-se que na educação um objeto complexo que, ao ser apreendido cientificamente, não pode sofrer limitações nem fragmentações, que produziriam sua descaracterização. Percebe-se também que os critérios de verdade estabelecidos ao longo da história não podem dar conta – como não deram – de compreender de forma satisfatória os problemas da educação (GHEDIN e FRANCO, 2011).

O pensamento abissal se tornou uma das características elementares da ciência moderna que sempre buscou manter o monopólio do conhecimento científico ao ponto de julgar e determinar o que seria verdadeiro ou falso no campo das ciências. “O caráter exclusivo desse monopólio está no cerne da disputa epistemológica moderna entre as formas científicas e não científicas de verdade” (SANTOS, 2010, p.33).

Pesquisa qualitativa e educação: diálogos possíveis para a produção do saber

Os pesquisadores educacionais não podem adotar em suas propostas de estudos somente fatores técnicos e procedimentais. As concepções humanísticas na perspectiva de atender as pessoas precisam ser evidenciadas. Sendo assim afirmamos que o pesquisador em educação tem que se preocupar na organização da pesquisa com sua relevância científica e social. A esse respeito Reis (2016, p.08) enfatiza que:

Uma produção rigorosa de conhecimentos sobre os fenômenos educativos somente tem contribuição a dar à educação, do ponto de vista metodológico, se tiver importância social e se for comprometida com o processo educacional. Embora pareça óbvio, muitos pesquisadores, no turbilhão de atividades intelectualmente estimulantes que os processos de pesquisa proporcionam, perdem de vista a principal função social da pesquisa em nossa área: a produção de conhecimentos para a construção de processos educativos de qualidade

Diante disso, ressaltamos que nas ciências humanas e sociais, em que se situa a ciência da educação, a pesquisa qualitativa é utilizada com abordagem central dentro de uma estrutura epistemológica e metodológica, pois assegura um paradigma em que a compreensão e a interpretação são tão importantes quanto a descrição ou explicação de um fenômeno, problemas, entre outros. Isso significa que os estudiosos preocupam-se mais em desvelar os significados, as percepções, as representações do observado, do que os imediatamente aparentes. Para tanto, o papel do pesquisador assume papel fundamental na investigação, evidenciando assim, uma estreita relação entre objeto de estudo e o pesquisador social. Nesse pensamento Alves-mazzotti & Gewandszajder (1998, p. 132) reafirmam nossa reflexão ratificando que: “Entre as implicações dessas características para a pesquisa (qualitativa) podemos destacar o fato de se considerar o pesquisador como o principal instrumento de investigação e a necessidade de constato direto e prolongado com o campo, para poder captar os significados dos comportamentos observados”.

Ampliando o referencial de estudo para responder a problemática inicial e fundamentado em Kuhn (1998) afirmamos que a pesquisa em educação é considerada uma quebra de Paradigma das ciências hegemônicas que ao longo da história tiveram primazia na produção do saber. Seu reconhecimento, ainda tardio, surge como ponto elementar da crise do conhecimento vivenciada pelas ciências tradicionais.

Dessa forma, o contato com a pesquisa educacional possibilitou ao longo dos últimos anos profundo e intenso processo de construção e reconstrução das verdades, dos conhecimentos, que não estão prontos e que tem como característica o inacabamento até “Porque os problemas, ao passo que são resolvidos, trazem novas problemáticas e novas possibilidades de aprofundamento” (GHEDIN & FRANCO, 2011, p.28).

Nessa concepção, apesar de existirem discursos que defendam uma suposta imparcialidade do pesquisador, pensamos que é impossível manter a total imparcialidade, já que o “fazer pesquisa” nasce de inquietações muito particulares decorrentes de experiências, leituras, produções individuais em contextos diversos de nossa coletividade. Pretendemos assim adentrar nos sentidos que a ação científica construiu historicamente sem considerar as especificidades das práticas sociais da educação e do processo formativo dos educadores. (GHEDIN & FRANCO, 2011).

Dessa forma, a metodologia é um processo pelo qual o pesquisador ligado às ciências sociais não pode deixar de realizar, afinal é: “condição necessária para a competência científica, porque poucas coisas cristalizam incompetência mais gritante do que a despreocupação metodológica” (DEMO, 1995; p.59). É justamente por meio da metodologia que se dará a veracidade e pertinência

do que está sendo pesquisado. Nessa concepção Chizzotti (2006, p.27) relata que: “Em suma, a pesquisa segue uma metodologia de trabalho, ou seja, a lógica subjacente ao encadeamento de diligências que o pesquisador segue para descobrir ou comprovar uma verdade, coerente com sua concepção da realidade e sua teoria do conhecimento”.

Neste sentido, ressaltamos que a metodologia qualitativa surge como novo paradigma, que pode atribuir valor e significado aos aspectos e problemas não explicados e diagnosticados pela metodologia quantitativa, assumida dentro da tradição acadêmica positivista, como “verdade absoluta”. Acreditarmos que a pesquisa qualitativa é um recurso que permite atingir o conhecimento dos fenômenos humanos e culturais e por ela ser, nesse sentido, específica daqueles que realizam pesquisas de ordem social, pois:

A pesquisa qualitativa recobre, hoje, um campo transdisciplinar, envolvendo as ciências humanas e sociais, assumindo tradições ou multiparadigmas de análise, derivadas do positivismo, da fenomenologia, da hermenêutica, do marxismo, da teoria crítica e do construtivismo, e adotando multimétodos de investigação para o estudo de um fenômeno situado no local em que ocorre e, em fim, procurando tanto encontrar o sentido desse fenômeno quanto interpretar os significados que as pessoas dão a ele (CHIZZOTTI, 2006, p.28-29).

Nesse entendimento queremos desenvolver um trabalho que tenha viabilidade diante dos pressupostos metodológicos acadêmicos de forma que nosso problema de pesquisa possa ser respondido, pois assim afirma “cada sociedade, em cada momento, elabora um corpo de problemas sociais tidos por legítimos, dignos de serem discutidos (...)”. (BOURDIEU, 1989, p.35). Essa afirmação pode fundamentar o problema da educação contextualizada que tem se tornado nos últimos anos, uma emergência social, cultural e política no contexto de nosso país, sendo alvo de estudos e pesquisas científicas nas diversas áreas do conhecimento, principalmente na educação contextualizada.

Pensar em uma proposta de educação contextualizada na realidade da pesquisa qualitativa é pensar na necessidade de conhecer e aprender os meios de melhor conviver com o Semiárido de forma que saíamos da situação de “vitimados pela seca” e alcancemos o patamar de cidadãos críticos e politizados, lutadores por direitos que ao longo do tempo foram negados, direitos inclusive educacionais.

Sabemos que o semiárido brasileiro tem sido a marca preponderante na política nacional do descaso a que foi submetida sua população na trajetória histórica do Brasil rumo a concretização do projeto de desenvolvimento da elite brasileira que estava baseado no

enriquecimento de uns e no aumento cada vez mais da exclusão social de muitos outros (REIS, 2006, p.110)

Reforçando essa explicação, a pesquisa qualitativa possui características peculiares aos fatores sociais por entronizar estudos da diversidade, cultura, educação e etc. Esse modelo de pesquisa permite captar aspectos que não são mensuráveis pelas pesquisas quantitativas, pois as pesquisas qualitativas buscam a realidade subjetiva dos indivíduos que participam da ordem social. Em se tratando da pesquisa qualitativa, podemos dizer que esta visa destacar características não observadas por meio de estudo quantitativo, pelo fato de este ser superficial, porém, consegue perceber os sentidos, as percepções, as representações, as entrelinhas dos discursos e comportamentos, os mínimos e ricos detalhes que não adequam-se aos formulários e padrões cartesianos.

Educação contextualizada: abordagens históricas e contemporâneas

Em se tratando da área científica percebemos que muitos estudiosos reverenciados no mundo acadêmico fizeram fortes afirmações com respaldo da ciência que mais tarde serviram para legitimar posturas racistas e preconceituosas que agrediam a integridade moral e cultural de muitos indivíduos. (MUNANGA, 1988). Esses discursos tem a mesma gênese dos discursos dos colonizadores quando invadiram o Brasil e descreveram os povos que aqui existiam. Atualmente discursos com argumentos semelhantes a estes são atribuídos, aos moradores da Região Nordeste, aos sertanejos. Notamos que mesmo após muitos anos terem passado, afirmações e representações semelhantes a essa, são até hoje atribuídas não só aos afro-descendentes, mas também, ao povo nordestino, aos sertanejos e sertanejas do semiárido. Sujeitos tratados a partir de estereótipos animais, grosseiros, e absolutamente desumanos. São os “matutos ignorantes que conseguem sobreviver na seca”.

Uma representação genérica cotidianamente gerenciada pelos meios midiáticos em relação ao semiárido é a associação deste à seca. Nesta abordagem são criadas estéticas da seca conduzindo nossa imaginação à construção de significados embutidos de uma carga emocional que comove as pessoas diante das situações flageladas. Carvalho (2006) ressalta que:

O Semiárido Brasileiro apresenta uma diferenciação ecológica marcante, que na verdade é mais uma ‘colcha de retalhos’, do que um espaço homogêneo e olhado apenas a partir das condições climáticas, leia-se semiárida, e tal aspecto foi desconsiderado na perspectiva dos processos econômicos. (p.02).

Tomando por base o aforismo externado por Silva (2010, p.2) quando este enfatiza que: “Pior do que a aridez das terras é a aridez das mentes”, podemos fazer um comparativo com os discursos estereotipados citados no parágrafo anterior, de forma que chegamos a constatação de que há uma ideologia que fundamenta as práticas preconceituosas tanto dos nossos primeiros colonizadores como dos atuais. “Uma mente onde germinam sementes forâneas, semeadas por dominadores antigos e modernos, cujos frutos localmente irrelevantes são colhidos sempre em uma paisagem esterilizada pela homogeneidade imposta por modelos globais que violam histórias, saberes, desafios e sonhos locais” (ibidem).

Na tentativa de “umedecer” a aridez dos pensamentos colonizadores que ainda persistem, cita-se, pois a proposta de educação contextualizada que somente nos últimos anos, no Brasil e principalmente na região Nordeste tem causado rupturas impactantes no currículo escolar, rupturas estas que perpassam pela formação docente e ajudam a difundir um conhecimento diferenciado do habitualmente socializado nas escolas. Respaldados em Santos (1988) afirmamos que “todo conhecimento local é total”, nesta percepção entendemos que ao dar maior visibilidade e representatividade aos conhecimentos produzidos nos territórios locais onde estão inseridas centenas de escolas com seus milhares de alunos, não deixamos de evidenciar os aspectos globais.

No paradigma dominante o conhecimento é total, tem como horizonte a totalidade universal... Mas sendo total, é também local. Constitui-se em redor de temas que em dado momento são adotados por comunidades interpretativas concretas como projetos de vida-locais, sejam eles reconstruir a história de um lugar, manter um espaço verde, construir um computador adequado às necessidades locais... (SANTOS, 1988, p.65)

Em virtude do grande avanço do conhecimento proporcionado pelo paradigma científico, tivemos a crise do paradigma dominante sendo que o aprofundamento do conhecimento tem permitido o contato com as fragilidades desse sistema. Assim, apontamos que um dos meios para que os professores consigam a construção de uma educação com mais qualidade de forma que possam provocar também maiores rupturas no processo educativo, é seu maior envolvimento, e busca formativa para que assim consigam ampliar seus horizontes. Sendo assim perceberão as fragilidades que ainda persistem nos espaços formativos. Através da formação docente “Pretende-se estimular o sujeito à necessidade de realidade e a sua vontade de conhecer”. (ZELMAN, 2006, p.458)

Nos momentos de crises, rupturas científicas e do conhecimento surgiram importantes teorias a partir de estudos de grandes cientistas. Assim, espera-se que a partir da crise educacional e

crise formativa docente, ou seja, do caos educacional, podem surgir fenômenos diferenciados que permitam um redirecionamento no todo complexo que é a educação. Neste sentido, pode-se afirmar que a Educação Contextualizada para Convivência com o Semiárido - ECSAB constitui-se a materialização das representações de homens e mulheres que a partir de seus conhecimentos e anseios por uma educação que produzisse sentidos e possibilitasse uma verdadeira mudança de vida dos alunos, família e comunidade, conseguiram dar visibilidade às suas formas de representar a escola. Essa realidade que inicialmente fez parte do conjunto de significados e signos de alguns mobilizadores locais tornou-se uma representação visível e palpável, principalmente para os educadores e alunos que estão imbricados nesta proposta educativa.

Quando reportamo-nos à ECSAB enquanto representação, tomamos como fundamento teórico a seguinte afirmação de Silva (1998, p.01): “A representação é um sistema de significação. Utilizando os termos da linguística estruturalista, isso quer dizer na representação está envolvida uma relação entre um significado (conceito, ideia) e um significante (uma inscrição, uma marca material: som, letra, imagem, sinais manuais)”. Ressaltamos, pois que quando significamos algo, é porque estamos dando-lhe preferência, valor, importância. Isso demonstra que, significar ou não significar implica em inclusão ou exclusão de um sujeito, objeto ou proposta de educação.

Considerações finais

Com a produção desse estudo pudemos constatar que os pesquisadores educacionais têm ainda um longo caminho a percorrer para romper com os pré-conceitos que existem no campo das ciências, em relação à necessidade e capacidade dos educadores de serem reconhecidos e respeitados como pesquisadores. Os espaços educacionais, não podem ser somente lugar para formação didática e conceitual. É preciso encarar a formação como processo atrelado à pesquisa e fazer desta o subsídio teórico e prático para socializar o conhecimento e modificar as realidades existentes, inclusive as realidades do semiárido.

Diante dessa perspectiva afirmamos que a pesquisa qualitativa, embora tenha sofrido descréditos pelas ciências tradicionais, representa um grande marco para a produção do saber, pois diferentemente do que é produzido pela perspectiva positivista, os pesquisadores educacionais que fazem uso da pesquisa qualitativa como abordagem metodológica, não se preocupam somente com a descrição e mensuração dos dados, ao contrário a interpretação e transformação social são características marcantes o que pode contribuir de forma relevante para a proposta de educação contextualizada. Dessa forma, os pesquisadores educacionais com o uso da abordagem qualitativa

tem maior envolvimento com o ambiente social e os sujeitos envolvidos na pesquisa. A subjetividade, complexidade, percepções, representações são analisadas a partir de diversos métodos. A educação contextualizada, nesta perspectiva assume papel fundamental, pois enquanto proposta decolonizadora da educação é responsável pela formação teórica e prática do aluno em áreas/subáreas específicas do conhecimento.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, A. J. & GEWANDSZNAJDER, F. **O Método nas ciências naturais e sociais**. São Paulo: Pioneira, 1998. ANDRÉ, 2001

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Lisboa: Difel/Rio de Janeiro-RJ: Editora Bertrand Brasil, 1989. 311p.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e B. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.**

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

CARVALHO, Luzineide Dourado. A emergência da lógica da “Convivência Com o Semi-Árido” e a construção de uma nova territorialidade In: [Educação para a Convivência com o Semi-Árido Árido: Reflexões Teórico-Práticas](#). Juazeiro/BA: Secretaria Executiva da Rede de Educação do Semi-Árido, Selo Editorial-RESAB, 2006.

DEMO, P. **Metodologia científica em ciências sociais**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa** [2a ed.]. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, [1986].

GHEDIN, Evandro e FRANCO, Maria Amélia. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. – 2. Ed. – São Paulo: Cortez, 2011.- (Coleção docência em formação. Série saberes pedagógicos/coordenação Antonio Joaquim Severino, Selma Garrido Pimenta).

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª Ed. – São Paulo: Atlas, 2002.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

LUCKESI, C. C. **Fazer universidade: uma proposta metodológica**. São Paulo: Cortez, 1985.

MARTINS, Josemar da Silva. Anotações em torno do conceito de Educação para a Convivência com o Semi-Árido. In: [Educação para a Convivência com o Semi-Árido Árido: Reflexões Teórico-Práticas](#). Juazeiro/BA: Secretaria Executiva da Rede de Educação do Semi-Árido, Selo Editorial-RESAB, 2006.

MENDONÇA, Ana Waleska P.C. **A Universidade no Brasil**. In: Revista Brasileira de Educação. Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 2000. nº14.p.131-150.

MICHALISZYN, Mario Sergio e TOMASINI Ricardo. **Pesquisa: Orientações e normas para elaboração de projetos, monografias e artigos científicos**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

MINAYO, M. C. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, Vozes, 2002.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Trad. de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. Ed. Revista modificada pelo autor. 8ª edição. Rio de Janeiro: Bertand, Brasil, 2005.

MUNANGA, kabengele. **Negritude: Usos e sentidos**. São Paulo: Àtica, 1988.

REIS, Marília Freitas de Campos Tozoni. **A Pesquisa e a Produção de Conhecimentos. Introdução à pesquisa científica em educação**. UNESP. Disponível em: <http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/195/3/01d10a03.pdf>. Acessado em 10 de julho de 2016.

SANTOS, Boaventura de Souza & MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SPINK, Mary Jane. **Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais**. IN: GUARESCHI, Pedrinho A. & JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs.). **Textos em representações sociais**. 10. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SILVA, José de Souza. Aridez mental, problema maior: contextualizar a educação para construir o 'dia depois do desenvolvimento' no Semi-Árido Brasileiro. In: **Seminário Nacional sobre Educação contextualizada para a Convivência com o Semi-Árido**. Campina Grande, Embrapa/INSA, 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da & MOREIRA, Antonio Flávio (orgs.). **Territórios contestados e multiculturalismo no Brasil - o currículo e os novos mapas políticos culturais**. 3ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

TRIVIÑOS, A. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

ZELMEMAN, Hugo. Sujeito e sentido considerações sobre a vinculação do sujeito ao conhecimento que constrói. In: SANTOS, Boaventura de Souza (Org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente: “um discurso sobre as ciências” revisitado**. 2ª. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

